

**UM OLHAR SOBRE O CAMPO DO CURRÍCULO PARA FAZER A VIDA
PERSEVERAR E PERDURAR: ENTREVISTA COM MARLUCY PARAÍSO**

A LOOK AT THE FIELD OF THE CURRICULUM TO MAKE LIFE PERSEVERE AND
ENDURE: INTERVIEW WITH MARLUCY PARAÍSO

UNA MIRADA AL ÁMBITO DEL CURRÍCULO PARA HACER QUE LA VIDA
PERSEVERE Y PERDURE: ENTREVISTA A MARLUCY PARAÍSO

Marlucy Alves Paraíso¹ 0000-0002-3542-4650
Maria Carolina da Silva Caldeira² 0000-0003-0668-1989
Danilo de Araújo Oliveira³ 0000-0003-3222-3172

¹ Universidade Federal de Minas Gerais – Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil;
mariacarolinasilva@hotmail.com

² Universidade Federal de Minas Gerais – Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil;
marlucyparaíso@gmail.com

³ Universidade Federal do Maranhão – São Luís, Maranhão, Brasil; oliveira.danilo@ufma.br

RESUMO:

Nesta entrevista, conversamos com a pesquisadora Dra. Marlucy Alves Paraíso, Professora Titular da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), sobre as influências do pensamento de Michel Foucault, Gilles Deleuze e Jacques Derrida no campo curricular. Baseada em sua experiência de mais de 30 anos em pesquisa e ensino, a professora analisa o desenvolvimento das investigações curriculares, mostrando como diferentes influências têm se feito presentes nesse campo desde os anos 1990. Ao analisar o campo e as pesquisas que ela mesma desenvolveu nele, incluindo levantamentos da produção acadêmica realizados nos inícios dos anos 1990 e 2000, a pesquisadora contribui para pensarmos no que já foi produzido e no que ainda é necessário investigar em currículos na contemporaneidade. Marlucy Paraíso defende que o currículo deve se conectar à vida. Para isso, é preciso estar atento/a para criarmos possíveis nos currículos, considerando a sua dimensão incontrolável e confabulando existências outras para liberar a vida onde ela for prisioneira.

Palavras-chave: currículo; pesquisa curricular; vida.

ABSTRACT:

In this interview, we spoke with Marlucy Alves Paraíso, Full Professor at the Federal University of Minas Gerais (UFMG), about the influence of the thinking of Michel Foucault, Gilles Deleuze, and Jacques Derrida on the curriculum field. Drawing on her over 30 years of research and teaching experience, the professor analyzes the development of curricular research, showing how different influences have been present in this field since the 1990s. By analyzing the field and the research she herself has conducted within it, including surveys of academic production conducted in the early 1990s and 2000s, the researcher contributes to our reflection on what has already been produced and what still needs to be investigated in contemporary curricula. Marlucy Paraíso argues that the curriculum must connect to life. To achieve this, we must be attentive to creating possibilities within curricula, considering their uncontrollable dimension and concocting other existences to liberate life where it is imprisoned.

Keywords: curriculum; curriculum research; life.

RESUMEN:

En esta entrevista, conversamos con Marlucy Alves Paraíso, profesora titular de la Universidad Federal de Minas Gerais (UFMG), sobre la influencia del pensamiento de Michel Foucault, Gilles Deleuze y Jacques Derrida en el campo curricular. Con más de 30 años de experiencia investigadora y docente, la profesora analiza el desarrollo de la investigación curricular, mostrando las diferentes influencias presentes en este campo desde la década de 1990. Al analizar el campo y la investigación que ella misma ha realizado en él, incluyendo encuestas de producción académica realizadas a principios de la década de 1990 y en la década de 2000, la investigadora contribuye a nuestra reflexión sobre lo que ya se ha producido y lo que aún debe investigarse en los currículos contemporáneos. Marlucy Paraíso argumenta que el currículo debe conectarse con la vida. Para lograrlo, debemos estar atentos a la creación de posibilidades dentro de los currículos, considerando su dimensión incontrolable y creando otras existencias para liberar la vida donde está prisionera.

Palabras clave: currículo; investigación curricular; vida.

O paraíso são os outros. A nossa felicidade depende de alguém. Eu compreendo bem. (Mãe, 2018, p. 34)

Quando pensamos em quem entrevistariamos para o dossiê que tem como objetivo congrega pesquisas que utilizam o pensamento de Michel Foucault, Jacques Derrida e Gilles Deleuze, o primeiro nome que veio à nossa mente foi o de Marlucy Alves Paraíso. A professora titular da UFMG, doutora e mestra em educação, Pesquisadora 1B do CNPQ com dois pós-doutorados na área, tem uma vasta produção no campo do currículo, tendo escrito diversos artigos, livros e capítulos de livros, bem como orientado teses e dissertações na área, utilizando as contribuições dessa tríade de autores. Foi uma das primeiras a introduzir conceitos foucaultianos na pesquisa curricular, articulando-os às perspectivas multiculturalistas. Esteve diretamente vinculada ao grupo de pesquisa do Professor Tomaz Tadeu da Silva, nos anos 1990, que foi responsável pela tradução e divulgação de diferentes estudos dos autores que estão em foco neste dossiê, além da publicização de estudos desenvolvidos por pesquisadores/as que neles se inspiraram. Nos últimos anos, tem realizado pesquisas com inspirações diversas na filosofia da diferença, particularmente no que Deleuze (e Guatarri) produziram.

A pesquisadora também realizou importantes levantamentos bibliográficos que, criativamente, mostravam como o campo do currículo estava em determinado momento e de que maneira novos temas e problemas poderiam ser pensados. Além disso, ela lançou recentemente o importante livro *Currículos: teorias e pesquisas* (Paraíso, 2023), que, como indica o título, sintetiza as principais teorias curriculares e seus efeitos no Brasil. Era, então, a pessoa perfeita para a entrevista deste dossiê.

Entretanto, para além de todos os atributos acadêmicos que víamos nela, algo que também nos motivou foi o profundo amor que nutrimos pela pesquisadora. Marlucy foi

orientadora de iniciação científica, monografia, mestrado e doutorado de uma das organizadoras do dossiê. Foi criadora e é atual coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Currículos e Culturas (GECC/FaE/UFMG) que há mais de 20 anos congrega pesquisadores/as do campo do currículo e do qual organizador e organizadora fazem parte. O organizador deste dossiê já pode ser considerado da “segunda geração” de seus/suas orientandos/as, já que realizou seu doutorado orientado por Shirlei Sales, uma ex-orientanda de Marlucy Paraíso, agora também professora na UFMG. Então, além do reconhecimento da trajetória incontestável da pesquisadora, ela também fala diretamente ao nosso coração, por ter mobilizado conosco os mais belos e potentes encontros.

É, assim, com o coração cheio de alegria e afeto, que conduzimos esta entrevista. Temos certeza de que ela contribuirá muito para aqueles/as que se interessam pelo campo do currículo e pelas contribuições de Foucault, Derrida e Deleuze. Também acreditamos que a entrevista trará subsídios para todos/as aqueles/as que acreditam na importância fundamental dos afetos e afectos para criar possíveis no currículo. Acreditamos, junto com Marlucy Paraíso, que “inventar algo bom é melhor do que aceitarmos como definitiva qualquer realidade má” (Mãe, 2018, p. 31). Para isso, a abertura ao outro e a hospitalidade à diferença, como aponta a nossa entrevistada, é fundamental. Afinal, o paraíso são os outros! E com a Paraíso aprendemos isso em todos os momentos, inclusive nesta entrevista!

Entrevistador/a: Em 1994, você publicou o artigo “Estudos sobre currículo no Brasil: tendências das publicações na última década” (Paraíso, 1994). Nesse texto, foram analisados artigos sobre currículo publicados no Brasil de 1983 a 1993 e você constatou que “mesmo que se considere significativo o avanço no pensamento dos teóricos brasileiros do campo de estudos do currículo em direção a uma teoria crítica, é certo que muitos problemas nos falta pesquisar, para que possamos ter uma Sociologia do Currículo adequada ao contexto brasileiro, que ajude na construção de uma escola de qualidade para todos” (Paraíso, 1994, p. 109-110). Pouco tempo depois, pela publicização de ideias de autores/as pós-estruturalistas, houve uma significativa guinada no campo do currículo, que praticamente abandonou o pensamento sociológico e enveredou pela discussão mais filosófica e culturalista. Como você percebe a mudança que se operou no pensamento curricular brasileiro a partir dos anos 1990 com o uso dos trabalhos dos filósofos Michel Foucault, Jacques Derrida e Gilles Deleuze?

Marlucy Paraíso: Como é de conhecimento de vocês, e de algumas outras pessoas que

acompanham minhas pesquisas e produções acadêmicas há mais tempo, esse artigo retratou uma pesquisa que realizei quando ainda estava vinculada ao Grupo de Estudos do professor Tomaz Tadeu da Silva, realizando o mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul no início dos anos 1990. Inspirada no que fez Jean Claude Forquin (1993), em parte do seu livro “Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar” – que lemos, analisamos e debatemos no Grupo com afinco, ainda enquanto esse livro estava sendo traduzido pela Guacira Lopes Louro, antes, portanto, de sua publicação no Brasil em 1993 –, eu quis compreender como os estudiosos e as estudiosas de currículo do Brasil estavam incorporando a sociologia do currículo em sua produção. Afinal, Forquin (1993) mostra que a sociologia do currículo foi extremamente fértil nos anos 70 e 80 na Inglaterra para formular a problemática curricular em outros termos e questionar os vínculos do currículo com interesses de classe e com o domínio cultural. Uma problemática, que segundo Forquin, teve efeito nas discussões educacionais e curriculares em diferentes países. Para o autor, questões sobre “o que a escola deve ensinar”, “que cultura ela deve transmitir”, “quais conteúdos devem fazer parte do currículo escolar” passaram a ser centrais na discussão da educação desde os anos 60, quando se instalou uma “crise” em diferentes países sobre a função de “transmissão cultural da escola” e, como consequência, muitos professores passaram a ter muitas dúvidas sobre o que ensinar.

Contudo, se Forquin (1993), naquele livro, considera que todas essas análises sociológicas do currículo teriam auxiliado na perpetuação dessa “crise na função de transmissão cultural da escola”, e defende que a teoria educacional e curricular, além das análises das relações entre a escola e os fatores externos a ela, deve deter-se mais nos fatores internos desta instituição, dos conteúdos e saberes escolares, eu, de modo oposto, após analisar a produção curricular brasileira de 1983 a 1993 considerava que nossa produção havia, de modo contrário, se voltado demasiado para questões internas da escola e do currículo, ao discutir a adequação pedagógica dos conteúdos curriculares à faixa etária dos estudantes, o nível de complexidade dos conteúdos, as questões das dificuldades de aprendizagem dos estudantes ao lidar com os conteúdos curriculares, a importância do acesso das crianças dos setores populares a mais conteúdos escolares etc (Paraíso, 1994).

Eram as análises sociológicas do currículo, feitas em diferentes países, que estabeleciam as relações entre currículo e poder, currículo e controle, currículo e ideologia, currículo e as desigualdades capitalistas, que eu identificava como incipientes nos estudos curriculares brasileiros dos anos 80. As análises feitas por curriculistas brasileiros em suas produções eram

mais pedagógicas e menos sociológicas e culturais. Então, o artigo foi escrito em um contexto em que, ao estudar a produção curricular brasileira daquele período, eu sentira falta exatamente das análises sociológicas dos estudos sobre currículo no Brasil que interrogassem os vínculos da cultura selecionada para ser ensinada nas escolas com poder, controle, capitalismo e ideologia, estabelecendo os vínculos dessas culturas e conteúdos com os contextos sociais, econômicos, políticos e culturais, como fizeram autores da sociologia do currículo como Michael Young, Michael Apple, Basil Bernstein, Henry Giroux – para nomear apenas os mais citados em nossos estudos posteriores. Lembro que vários textos e livros desses autores o próprio Tomaz Tadeu havia traduzido para o português no final dos anos 80 e nós estudávamos com muita empolgação naquele início dos anos 90. Além disso, o próprio Tomaz havia incorporado parte dessa discussão no Livro “O que produz e o que reproduz em educação: ensaios da sociologia da educação”, quando abordou, em um dos capítulos, o que chamou de “a distribuição desigual do conhecimento escolar”, usando a categoria classe social para mostrar como havia no Brasil uma “distribuição desigual do conhecimento” para os estudantes de classes sociais distintas.

Acontece que ainda na primeira metade dos anos 90, ao mesmo tempo em que os estudos curriculares no Brasil, por um lado, passavam a utilizar essa Sociologia do Currículo, ainda que timidamente, e adequá-la ao contexto brasileiro, por outro lado, passamos a ser influenciados também em nossos estudos e pesquisas por uma combinação de vertentes teóricas do multiculturalismo, dos estudos culturais, dos estudos feministas e de gênero e dos estudos pós-modernos e pós-estruturalistas. Os trabalhos de Michel Foucault, Jaques Derrida e Gilles Deleuze são lidos e incorporados nos estudos curriculares brasileiros na segunda metade nos anos 90 e na primeira metade dos anos 2000, trazendo muitas novidades para o campo. Tivemos, naqueles anos, uma “revolução” nos estudos curriculares do Brasil, como efeito da combinação dessas influências. De todo modo, eu não diria que houve um abandono do pensamento sociológico pelos estudos curriculares naquele período dos anos 90. Diria que houve um duplo movimento: de um lado, a sociologia do currículo se solidificou nos estudos críticos de currículo e, de outro lado, os estudos pós-críticos de diferentes vertentes trouxeram outras abordagens, novos acréscimos, outros olhares e novos conceitos que, combinados, deram ao pensamento curricular brasileiro uma criatividade excepcional.

Entrevistador/a: Então, os estudos sociológicos do currículo continuaram sendo usados paralelamente nos estudos do campo ou havia tentativas de aproximações entre as teorias

críticas sociológicas e as teorias pós-críticas de vertentes mais culturais e filosóficas? Fale um pouco mais da produção curricular desse período, talvez exemplificando com suas pesquisas, e explique de que maneira o pensamento de diferentes autores/as pós-estruturalistas ajudou na construção de uma teoria curricular outra no contexto brasileiro.

Marlucy Paraíso: Muitos estudos da primeira metade dos anos 90 faziam aproximações entre as abordagens mais sociológicas e as pós-críticas. Posso citar como um exemplo dessas aproximações a minha pesquisa de mestrado em que analisei o que chamei de “campos de silêncio do currículo” (Paraíso, 1995). Em uma análise que articulava (ou tentava articular) alguns elementos dos estudos críticos (e sociológicos do currículo) com os estudos de gênero, o multiculturalismo e os estudos culturais, mostrei como as questões de gênero e as culturas do campo eram “campos de silêncio” do currículo oficial de formação de professoras/es do estado de Minas Gerais, mas eram temas produtores de conflitos, disputas e resistências no currículo em ação de um curso de formação docente investigado. Eu trabalhava nessa pesquisa, ao mesmo tempo, com a noção de “currículo como prática” do Michael Young, com o conceito de cultura dos estudos culturais e com a noção de poder de Michel Foucault, explorando as relações de poder de gênero (Paraíso, 1997) e de culturas do campo e da cidade (Paraíso, 1996) no currículo investigado.

Esse tipo de tentativa de aproximação foi feito em muitos estudos do campo curricular nos anos 90 e, apesar dos problemas e dificuldades que sabemos existir nessas articulações, tudo isso – abordar gênero, sexualidade, etnia, cultura do campo – era muito novo nos estudos do campo curricular brasileiro daquele período. Classe social era a categoria chave das análises críticas e sociológicas do currículo dos anos 80 e início dos anos 90. Mas, aos poucos, os estudos curriculares vão marcando as rupturas com essas teorias críticas, sobretudo as marxistas. A partir da segunda metade dos anos noventa, de fato, o campo curricular brasileiro se abre completamente a diferentes abordagens teóricas que conhecemos sob o rótulo de “pós” – pós-estruturalismo, pós-modernismo, pós-colonialismo –, e de outras abordagens que, mesmo não usando em seus nomes o “pós”, fizeram deslocamentos importantes em relação às teorias críticas – multiculturalismo, estudos culturais, estudos feministas e de gênero, estudos étnicos e raciais, estudos de gênero, estudos queer e o pensamento da diferença.

Então, claro, com tanta “novidade” no campo, vivenciamos, a partir da segunda metade dos anos noventa nos estudos curriculares brasileiros, um período de uma produção intelectual vigorosa, criativa e inovadora. Os estudos do campo mudaram suas referências, multiplicaram

os sentidos de currículo, ampliaram os conceitos usados para pensar esse artefato. Apesar de diferenças significativas existentes entre as correntes de pensamento “pós”, entre suas problemáticas e entre os/as autores/as que se filiam ou são filiados a essas abordagens, são os efeitos combinados dessas correntes que chamamos de teorias pós-críticas que produziu isso que vocês chamam de “uma teoria curricular outra no contexto brasileiro”.

Entrevistador/a: Você publicou outro artigo em 2005 – Currículo-mapa: linhas e traçados das pesquisas pós-críticas sobre currículo no Brasil (Paraíso, 2005) – que analisou exatamente essa produção curricular pós-crítica inicial, dessa segunda metade dos anos 90 e início dos anos 2000. O que mudou nos estudos de currículo como efeito dessas teorias, e do uso dos trabalhos de Michel Foucault, Jacques Derrida e Gilles Deleuze?

Marlucy Paraíso: Mudou muito, mudou tudo... Com toda essa influência, os estudos curriculares brasileiros passaram a estar atentos aos novos mapas políticos e culturais – que o multiculturalismo, os estudos culturais, os estudos feministas e de gênero, os estudos étnicos e raciais, os estudos surdos, os estudos pós-coloniais e queer, entre outros, mostravam existir, e que nos faziam ver o currículo como um texto colonizado, racial/racializado, generificado/generificante, adultocêntrico, homofóbico etc; um campo contestado, um território de disputa cultural e social, um artefato centralmente envolvido na luta por representação e pela significação. Essas vertentes teóricas que passamos a usar na teoria de currículo, ao usar conceitos como relações de poder, sujeito/subjetividade, desconstrução, diferença, agenciamentos, governo etc. nos levam ao mesmo tempo aos trabalhos filosóficos de Michel Foucault, Jacques Derrida, Gilles Deleuze (sozinho ou com Félix Guattari). Esses filósofos passam a ser lidos, discutidos e trabalhados nas pesquisas sobre currículo, inundando os estudos curriculares brasileiros com um novo vocabulário, uma multiplicidade de conceitos, de possibilidades teóricas e metodológicas.

Esse artigo, currículo-mapa, mostra bem essa mudança na produção curricular brasileira. Ele foi publicado primeiro nos Estados Unidos na revista *Taboo*, em 2002, em um número dedicado à produção curricular brasileira, e depois, em 2005, no Brasil, na revista *Educação e Realidade*. O convite da revista norte-americana foi feito ao Tomaz Tadeu que, sabendo que eu estava acompanhando e analisando com certa paixão essa produção curricular brasileira pós-crítica, sugeriu meu nome para a revista *Taboo*, que me convidou para escrever o artigo. O pedido era para que mostrasse como estava “a produção curricular brasileira após

Paulo Freire”. Como, naquele período, eu vivia intensamente a ANPEd, de modo geral, e as atividades do GT currículo, de modo particular, fiz uma análise de todos os trabalhos pós-críticos sobre currículo apresentados na ANPEd de 1993 (quando identifiquei o primeiro trabalho pós-crítico) a 2002, quando finalizei e publiquei o artigo. Então, como mostro nesse artigo, houve muitas mudanças nos estudos curriculares como efeito do uso dessas teorias pós-críticas. Identifiquei uma predominância da influência dos trabalhos de Michel Foucault nos estudos pós-críticos do período estudado. Havia também, naqueles anos, algumas produções com base nas elaborações de Gilles Deleuze e Jacques Derrida, embora em número menor.

Mas creio ser importante lembrar que ali eu já mostrava que a linguagem usada nas pesquisas pós-críticas sobre o currículo, daquele período, não recebia influência apenas desses três filósofos, mas também dos estudos pós-estruturalistas, pós-modernistas, feministas, de gênero, multiculturalistas, pós-colonialistas, étnicos, ecológicos e da teoria queer. De fato, foi um período pujante da nossa produção, com muitas novidades, com uma grande variedade de problematizações e tipos de análises. Passamos a operar em nossos estudos com a análise do discurso, a desconstrução, a genealogia, a ética, as análises de “governo”, a cartografia, a esquizoanálise. Passamos também a ver o currículo como uma “linguagem”, “um texto”, “um discurso” que produz e divulga sentidos e significados, que disputa o “verdadeiro”, no qual se pratica o governo de Estado, de si e dos outros, que produz sujeitos e subjetividades. Analisamos o currículo como território de luta por outros modos de subjetivação, por outros modos de existência. Passamos a ver o currículo como rizoma incontrolável, como espaço da diferença e do desejo, como espaço de experimentação e criação.

Então, sim, tivemos no campo curricular, desde a segunda metade dos anos 90 um período bastante longo de uma produção intelectual criativa, inovadora e vigorosa, aberta a uma micropolítica e a novos acréscimos, que nos ajudou a construir uma teorização curricular brasileira bem criativa e que apontaram para a abertura teórica e prática dos currículos, a transgressão nos modos de pensar, pesquisar e fazer currículos, para a subversão dos sentidos curriculares fixados e das normas propagadas nos e pelos currículos, para a valorização da diferença e a invenção de currículos outros nas pesquisas e nas escolas. Considero que essa produção foi tão vigorosa e potente que ainda vivemos no campo curricular os efeitos dessas teorias introduzidas nos nossos estudos nesse período e que, de lá para cá, aprofundamos, articulamos, experimentamos.

Entrevistador/a: Em 2023, você lançou o livro “Currículos: teorias e políticas” (Paraíso,

2023). Nele, é apresentada uma síntese das principais teorias de currículo e das políticas curriculares brasileiras. O que te motivou a escrever esse livro, que se destina, sobretudo, às estudantes de graduação e às pesquisadoras iniciantes? Pode falar um pouco desse livro?

Marlucy Paraíso: Quando recebi o convite da Editora Contexto para escrever um livro sobre currículo para a graduação e pesquisadores iniciantes em formação, abordando teorias e políticas, aceitei o desafio porque também sentia falta de um livro que adaptasse as diferentes teorias que subsidiam os estudos curriculares ao contexto brasileiro atual, fazendo a articulação com as nossas principais políticas curriculares. Aliás, ele faz parte da “Coleção Universidade na educação”, da Editora Contexto, da qual sou membro do conselho e tenho me envolvido bastante. Essa coleção é dedicada a livros para serem usados nas disciplinas da graduação. No meu caso, o convite da editora era para que eu escrevesse um livro com o “conteúdo” que eu trabalho na disciplina de currículo da graduação; um livro que pudesse servir, sobretudo, aos/às professores/as que ministram essa disciplina nos cursos de graduação. Foi assim que concebi e escrevi esse livro.

Confesso que, inicialmente, achei muito difícil escrevê-lo, encontrar um tom, um jeito, porque o livro busca abordar complexas teorias que subsidiam estudos curriculares brasileiros com uma linguagem que se pretende atrativa, simples e acessível. Mas eu não queria que a discussão teórica apresentada ficasse superficial. Acabei me envolvendo durante um ano e meio com esse projeto, e o fiz contagiada por muita emoção, por ter a oportunidade de revisar, visitar e lembrar muitas leituras, estudos, autores/as e embates do campo que vivenciei muito intensamente e que me ajudaram a ser a professora e a pesquisadora de currículo apaixonada que sou hoje. Ao explorar diferentes vertentes das teorias de currículo mostro que elas nos ajudaram a ver que não há qualquer esperança de tranquilidade ou acomodação quando lidamos com currículo. Não há consenso sobre currículo em lugar nenhum. E, no Brasil, sempre nos envolvemos em grandes disputas sobre quais conhecimentos, saberes, histórias e narrativas devem ser incluídos nos currículos escolares; sobre que tipo de sujeito o currículo deve contribuir para produzir ou formar; sobre quais elementos das culturas devemos preservar e incluir nos currículos; quais valores vamos priorizar e ensinar nas escolas; como vamos lidar com a diferença. O currículo é sempre um campo de lutas por conta dos conhecimentos e valores que seleciona e ensina, e daqueles sobre os quais silencia e desvaloriza. Então as diferentes teorias e as políticas de currículo no Brasil, que abordo no livro, evidenciam que esse é um campo de luta permanente porque qualquer currículo representa um projeto de sociedade que

saiu vencedor em um determinado momento histórico. Mas ele não é fixo, nunca está garantido e nem finalizado. Ele pode ser e é, permanentemente, contestado; exatamente porque o currículo tem força em qualquer projeto de sociedade que se queira construir. Como não há consenso em torno da sociedade que queremos, também não há qualquer possibilidade de consenso em torno do currículo que construímos para formar as novas gerações. Daí as diferentes e conflitantes teorias sobre ele e as diferentes políticas criadas de acordo com essas teorias ou na contramão delas, como mostro no livro. Vivemos no campo do currículo vendo as alianças provisórias construídas em torno dele. Vemos também grandes embates e disputas em torno do currículo, onde alguns grupos ganham e outros perdem. Mas a luta continua permanentemente em torno desse artefato que, de fato, ganhou uma centralidade extraordinária na epistemologia escolar e educacional. Enfim, como mostro no livro, as diferentes teorias e as políticas de currículo nos fizeram ver que a centralidade desse artefato se dá porque ele é fundamental na definição da nossa vida e, sobretudo, na vida de muitas pessoas que dependem do currículo e da escola para ter uma “vida vivível”, como nomeia Judith Butler. Currículo e vida estão intrinsecamente conectados.

Entrevistador/a: Pois é... você tem falado muito da necessidade de conectar “currículo e vida”; de produzir um “currículo vitalício”. Então, para finalizar pode falar um pouco disso? Como você chega a essa associação currículo e vida e como considera que podemos fazer isso nos currículos em ação ou nos currículos menores que produzimos todos os dias? Se puder, fale também, como os autores Foucault, Derrida e Deleuze podem nos ajudar nessa tarefa?

Marlucy Paraíso: Nesses mais de 30 anos atuando como professora de currículos na universidade e pesquisando currículo em diferentes escolas e redes de ensino, percebi a importância de, por um lado, cada vez mais, trabalhar para “o alargamento do possível no currículo” e, por outro lado, conectar sempre o currículo com a afirmação da vida. Trabalhar para o alargamento do possível no currículo – como explorei no livro escrito com o memorial para a minha passagem para professora titular da Faculdade de Educação da UFMG (Paraíso, 2019) – significa operar na pesquisa e na docência com um pensamento ou raciocínio que entende que os possíveis não existem para serem descobertos, entendidos ou encontrados; eles precisam ser criados! Considero importante uma professora mapear as condições de possibilidade da sua docência para compreender que as linhas de criação que estendemos alargam os possíveis do currículo. Foi formulando uma linha de desejo e possibilidade com o

currículo que construí uma compreensão sobre o currículo que não se dobra aos encontros tristes de quem cobra a volta aos eixos do significado último do currículo, dos limites que a políticas de currículo impõem, da repressão dos currículos inventados por nós professoras/es que acolhemos a diferença, por qualquer currículo local, estadual ou nacional. Quanto mais expandimos nossas análises, quanto mais multiplicamos os sentidos de currículo e diversificamos os modos de fazer currículos nas universidades e escolas, conectando-o com a vida, com todas as vidas, mais praticamos o alargamento do possível no currículo. É uma alegria afirmativa perceber que se temos essa conexão clara de currículo e vida, mesmo que se nacionalize um currículo, com Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) ou com Base Nacional Comum Curricular (BNCC), seus elementos são se deixam nacionalizar e uniformizar. Isso porque a diferença continua lá no meio, e também nas superfícies, fazendo movimentar, abrindo espaços para nossas criações e fazendo dançar as competências básicas, as habilidades imprescindíveis, a linguagem “padrão”, a cultura “comum” ou “nacional”. Ao conectar currículo com a afirmação da vida damos aula e pesquisamos mais atentas aos encontros. Então ao dar aula busco, em uma inspiração spinozista fazendo também conexão com o Espinoza de Deleuze, seguir outros critérios para avaliar o que está bom e o que está mau no currículo-menor que pratico. Tomo como indicadores do que é bom e mau em meu currículo o que aumenta e o que diminui a potência (minha e de meus/minhas alunos/as). Assim, tudo o que entristece é um sinal de que ali está aquilo que devo transformar; e tudo o que alegra é um sinal de que ali está aquilo que devo multiplicar. Dos bons e dos maus encontros derivam o ódio e o amor. Amamos o que nos produzem alegrias, e odiamos o que nos produzem tristezas. É nisso que procuro me apoiar para alargar os possíveis nos currículos e para conectar currículo e vida. Um currículo assim construído muda sua lógica e seus critérios; abre-se para as possibilidades e aceita experimentar novas conexões com a vida, sem deixar-se arrasar e frustrar-se com os resultados desse experimentar. Diante de um currículo que seleciona e ensina competências, habilidades e atividades indiferentes aos gostos, aos efeitos dos encontros e às sensações que produz, é possível pensar que tudo pode ser feito de outro modo, que inúmeras possibilidades existem em uma aula, em uma docência, em um currículo e em uma vida. Isso significa praticar currículo aberta às forças, para experimentar as possibilidades de uma vida! Abrir-se à experiência com “um outro”, com “outros”, com o acontecimento colocando o currículo como um meio para essa experimentação. Necessita deixar o corpo permanentemente aberto porque é assim que as partes podem se conectar com outras diferentes partes e com outras coisas insuspeitadas. Enfim, trabalhar para o alargamento do possível no currículo conectando-

o com a vida em sua afirmação demanda um estado de alerta e atenção para conhecer as combinações potentes, as afinidades e as afirmações! Conhecer aquilo que, quando combinado, amplia nosso próprio impulso vital, e procurar fazer de nós mesmas/os experimentadoras/es e afirmadoras/es de modos de vida singulares! Ao praticar currículos desse modo, considero que estamos também fazendo resistência ao presente. E, claro, toda essa compreensão tem muito do que aprendemos com Michel Foucault, Jacques Derrida e Gilles Deleuze, mas também de outros como Guattari, Espinosa e Nietzsche, para lembrar os mais citados em nossos estudos curriculares que falam da diferença, da afirmação da vida, da criação de novos modos de existência e da experimentação para criar possíveis no currículo e na educação. Destaco, por exemplo, que com base nos trabalhos de Foucault compreendemos o currículo como espaço onde podemos fazer o diagnóstico do que vivemos na contemporaneidade e trabalhar por modos de existência outros que praticam as contra-condutas, isto é, condutas que resistem, se recusando a serem conduzidas para a aceitação, a acomodação e a apatia, e lutando para cuidar de si, para se proteger e poder viver seguindo em outra direção. Com base em trabalhos do Derrida, por sua vez, compreendemos o currículo como um espaço da diferença, onde podemos acolher e vivenciar a ética da hospitalidade incondicional, acionando a abertura ao outro, o cuidado com a escuta atenta e o desejo de acolhida sem reservas. Isso é fundamental em um currículo vitalício. Por fim, com base nas contribuições do Deleuze, compreendemos o currículo como um território de uma enorme conspiração de afectos onde podemos movimentar todo o tempo na busca por experimentações e encontros que possibilitam o aprender, por uma cultura da alegria, uma priorização da diferença e pela afirmação da vida. Tudo isso possibilita uma conexão intrínseca entre currículo e vida, porque entende que a vida quer perseverar; e os movimentos de um currículo, atento a esse desejo ou a esse querer, necessitam favorecer que a vida perdure. Isso também fortalece a docência, já que essa conexão currículo e vida demanda um professorar que atue nas brechas para fazer um currículo coincidir com a vida. Por fim conectar currículo e vida ajuda no alargamento do possível no currículo e a ver sua dimensão de incontrolável; ver que mesmo aprisionado em grades ele está aberto a qualquer docente que queira romper tais grades e confabular existências outras; a qualquer docente que queira conectar vidas e trabalhar para liberar a vida onde ela for prisioneira.

Entrevistador/a: Professora Marlucy, agradecemos muito pelo seu tempo e disponibilidade em nos conceder essa entrevista!

Marlucy Paraíso: Foi uma alegria conversar com vocês!

Referências

- FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e cultura:** as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Tradução: Guacira Lopes Louro. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- MÃE, Valter Hugo. **O paraíso são os outros.** Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2018.
- PARAÍSO, Marlucy Alves **Uma vida de professora que forma professora e trabalha para o alargamento do possível no currículo.** Curitiba: Brasil Publishing, 2019.
- PARAÍSO, Marlucy Alves. Currículo-mapa: linhas e traçados das pesquisas pós-críticas sobre currículo no Brasil. **Educação & Realidade**, v. 30, n. 1, p. 67-82, 2005.
- PARAÍSO, Marlucy Alves. **Currículos:** teorias e políticas. São Paulo: Contexto, 2023.
- PARAÍSO, Marlucy Alves. Estudos sobre currículos no Brasil: tendências das publicações na última década. **Educação & Realidade**, v. 19, n. 2, p. 95-114, 1994.
- PARAÍSO, Marlucy Alves. Gênero na formação do/a professor/a: campo de silêncio do currículo? **Cadernos de Pesquisa**, v. 1, n. 102, p. 23-45, 1997.
- PARAÍSO, Marlucy Alves. Lutas entre culturas no currículo em ação da formação docente. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 137-157, 1996.
- PARAÍSO, Marlucy Alves. **O currículo em ação e a ação do currículo na formação de professores/as.** 1995. 144f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **O que produz e reproduz em educação:** ensaios da sociologia da educação. Artes Médicas: Porto Alegre, 1992.
- SOBRE O(S)/A(S) AUTOR(ES)/A(AS)**
- Marlucy Alves Paraíso.** Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora titular da Universidade Federal de Minas Gerais. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Currículos e Culturas (GECC). Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4839214907972946>
- Maria Carolina da Silva Caldeira.** Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora da Universidade Federal de Minas Gerais. Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8051730003649059>
- Danilo Araújo de Oliveira.** Doutor em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor da Universidade Federal do Maranhão. Líder do Grupo de Pesquisa Questões e Políticas de Currículo. Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0463409625851892>

Como citar

PARAÍSO, Marlucy Alves; CALDEIRA, Maria Carolina da Silva; OLIVEIRA, Danilo Araújo de. Um olhar sobre o campo do currículo para fazer a vida perseverar e perdurar: entrevista com Marlucy Paraíso. **Revista Espaço Currículo**, v. 18, n. 2, e75635, 2025. DOI:

UM OLHAR SOBRE O CAMPO DO CURRÍCULO PARA FAZER A VIDA PERSEVERAR E PERDURAR: ENTREVISTA COM
MARLUCY PARAÍSO

Marlucy Alves Paraíso • Maria Carolina da Silva Caldeira • Danilo de Araújo Oliveira

10.15687/rec.v18i2.75635.